

Certificação em TIC, uma forma de valorização dos docentes

Fernanda Ledesma

Projecto de Formação e Certificação TIC do PTE – GEPE

Formadora nas áreas - Tecnologias Educativas, Didática Específica de Informática, Organização de Bibliotecas Escolares e Avaliação do Desempenho

*“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino(...)
Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago
e me indago.*

*Pesquisa para constatar, constatando,
intervenho, intervindo educo e me educo.*

*Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e
comunicar ou anunciar a novidade”*

Paulo Freire

O Objectivo a que nos propomos neste artigo é proceder a uma reflexão mais espontânea e solta das tensões que comandam o momento presente, menos formal e sem muitas citações científicas.

O Sistema de Formação e de Certificação de Competências TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) criado no âmbito do Plano Tecnológico da Educação (PTE) e regulado pela Portaria 731/2009 de 7 de Julho visa a valorização dos recursos humanos das escolas, a difusão de práticas inovadoras no ensino e a melhoria dos resultados escolares dos alunos.

Sendo que, em nosso entender, um dos maiores tesouros das escolas, senão o maior é o capital humano, neste contexto referimo-nos aos docentes. Então, o conhecimento, as qualificações, as capacidades, a energia pessoal e a aptidão para desenvolver e inovar, são elementos que conferem a cada docente e cada escola no seu conjunto características distintas. Daí que a aposta na valorização e no reconhecimento de competências através do Sistema de Formação e de Certificação

de Competências TIC do PTE faça todo o sentido e deva ser olhado numa perspectiva de valorização profissional.

A certificação é o resultado de um caminho percorrido que implica sobretudo o reconhecimento de um percurso de aprendizagem realizada, neste caso, no domínio das TIC em contexto educativo.

Obviamente que podemos por em causa o modelo, mas é certo que não há modelos perfeitos, a partir do momento em que se definem pré-requisitos e regras, há sempre algo que fica excluído, porque não se enquadra nas delimitações. No entanto, após a publicação da Portaria 731/2009, que foi o suporte para a implementação do modelo, todos os docentes, após uma leitura atenta dos documentos publicados, saberão situar o seu nível de competências em TIC, e o que precisam de percorrer para atingir os diferentes níveis de certificação.

Este sistema organiza-se em duas áreas a **Formação** e a **Certificação** em Competências TIC, estando a presente

reflexão mais direccionada para a área da **Certificação em Competências TIC**, mas na qual a formação também será abordada, porque os dois conceitos se inter cruzam. Tendo em conta que a formação conduz a um determinado nível de certificação, embora se prevejam outras vias para o atingir.

O Sistema de Formação e Certificação está organizado em três níveis, a saber:

Nível 1 - Competências digitais;

Nível 2 - Competências pedagógicas e profissionais com TIC;

Nível 3 - Formação avançada em TIC na educação.



Figura 1. Níveis de certificação definidos no Sistema de Formação e Certificação

Como ilustra a figura anterior, o primeiro nível destina-se à **aquisição** e certificação de competências digitais, tendo como objectivo a **aquisição** de competências em aplicações de escrita, de cálculo e de comunicação consideradas essenciais para o desempenho de funções diárias de um docente, estando este processo em curso.

O nível 2- Competências Pedagógicas e Profissionais com TIC será atribuído ao docente, quando este já consegue **integrar**, de forma activa, as TIC em contexto educativo, segundo os requisitos previstos nos normativos.

As competências avançadas em TIC na educação – nível 3, visa a capacidade de **inovação pedagógica** com as TIC, será

atribuído segundo os normativos em vigor e as regras específicas, ainda por publicar.

O Processo de Certificação de Competências Digitais - Nível 1, iniciou-se em Março de 2010. Partiu-se do pressuposto, com base em diagnósticos, que a larga maioria dos docentes reunia os pré-requisitos para requerer a certificação neste nível.

Um ano depois o Portal das Escolas conta já com 83 000 docentes inscritos. O Sistema de Informação da Certificação em TIC integrado no Portal das Escolas, depois de ultrapassados alguns constrangimentos, está mais estável permitindo que a certificação decorra com normalidade. Assim, estão certificados em competências digitais – Nível 1, aproximadamente 39 000 docentes.

Durante este percurso foram elaborados guiões passo-a-passo a nível central, regional, pelos centros de formação e por algumas escolas/agrupamentos. Se dúvidas restassem, bastaria fazer uma pequena pesquisa na Internet, que daí resulta uma grande diversidade guiões.

São intervenientes activos no processo, o docente, que procede ao requerimento, a direcção do estabelecimento de ensino que o valida/invalida, com base em documentos administrativos e por fim o centro de formação de associação de escolas (CFAE) que defere/indefer o processo e no caso de deferimento emite o certificado.

Contudo, a apropriação deste processo e deste conceito – certificação - que é novo ao nível da docência, tem tido *timings* e reacções diversas pelos vários intervenientes.

Podemos seguramente afirmar que a Certificação em TIC já é um conceito e uma acção, de que os Centros de Formação se apropriaram e colocaram nas suas rotinas, tendo em conta que lhes cabe a responsabilidade de tomar a última decisão no processo.

Relativamente aos Estabelecimentos de Ensino, as formas de actuação são muito divergentes. Temos direcções escolas/agrupamentos que valorizam a formação e a certificação dos seus docentes, colocando-as no plano das principais de acções na escola, tendo praticamente a totalidade dos seus docentes certificados. Muitas escolas/agrupamentos demonstram, uma visão pro-activa, organizando acções de formação com os seus recursos (formadores das escolas), em conjunto com o Centro de Formação da sua área e assim, ultrapassando os possíveis constrangimentos existentes. Com o decorrer do tempo e num momento em que o processo de certificação em competências digitais - nível 1, já vai bem lançado, a maioria das direcções dos estabelecimentos de ensino já estão mais atentos ao processo, no entanto ainda há aqueles que não iniciaram a certificação dos seus docentes.

Quanto aos docentes permitam-nos a ousadia de propor três estádios de distribuição relativamente à sua acção/reacção no domínio das competências em TIC. Os docentes que se **(Con)formaram**, os que se **Formaram** e os que se **(Trans)formaram**.

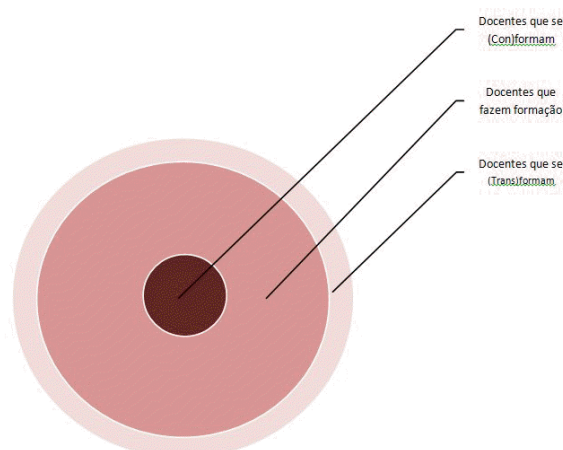


Figura 2. Três estádios dos docentes relativamente à sua acção/reacção no domínio das competências em TIC

Quanto aos que se **(con)formaram** o caminho percorrido demonstra que não basta contruir um modelo e esperar que os docentes que têm necessidades de

formação apareçam. Precisamos de conceder uma atenção muito especial a todos aqueles que estão mais afastados das TIC. Embora, tenhamos já um percurso de 25 anos com as TIC na educação em Portugal, e a Portaria 731/2009 considere toda a formação contínua realizada no domínio das TIC, desde o ano 2000 até 2010 (ano em que inicia o actual modelo) como sendo válida para requerer a Certificação em Competências Digitais, teremos de algum modo que concluir, que ao longo dos anos, muitos docentes se (con)formaram e não reúnem, ainda, os requisitos necessários para a Certificação em Competências Digitais – Nível 1 ou seja, em 10 anos, não frequentaram 50 horas de formação no domínio das TIC. Daqui poderá surgir a necessidade de se pensar em estratégias para os envolver, de modo a que desenvolvam competências neste domínio. Neste exercício, têm tido um papel essencial os Centros de Formação e também as Escolas/Agrupamentos.

Pois, apesar de todos termos dúvidas e inseguranças em determinados momentos da nossa vida profissional, também todos já sentimos o receio de perder oportunidades ou de não estar à altura dos desafios no que diz respeito às tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Muitos odeiam-nas, muitos receiam-nas, uns quantos desvalorizam-nas, outros desconfiam da sua utilização, outros tantos adoram-nas e há mesmo os que vivem deslumbrados com o seu uso no mais ínfimo pormenor do seu dia-a-dia. Talvez a dificuldade esteja em conseguir o uso equilibrado, correcto e consciente das mesmas, olhando-as como facilitadoras de práticas inovadoras e motivadoras.

Face aos desafios com que a escola se confronta, quer pelo ensaio de sucessivas reformas na educação, quer pela evolução da sociedade de informação, quer pela multiculturalidade com que nos confrontamos, quer pelas transformações de atitudes e valores que hoje vivenciamos, tendo ainda em conta que o contexto social

é diferente, a forma de ser, de estar, de actuar e de pensar, bem como os hábitos dos alunos são também diferentes e diversos. Face a todos estes desafios, questionamo-nos, se pode, o docente de hoje (con)formar-se com o que sempre fez, implementar as mesmas práticas, utilizar os mesmos recursos, enfim, agir como se à sua volta nada tivesse mudado.

Mas a sociedade mudou, as tecnologias instalaram-se, já não são apenas uma moda. Obviamente que evoluem e se transformarão ao longo do tempo, daqui a alguns anos não serão as que temos agora, certamente serão outras. Mas o fenómeno da tecnologia é assim: cada vez com um tamanho mais reduzido proporcionalmente inverso às potencialidades que disponibiliza e que podem ser transpostas para o contexto educativo.

Então, será importante reflectir, nomeadamente pelos docentes que se encontram nesta fase – a **(con)formação** – pois, esta poderá ser uma óptima oportunidade de desenvolver as competências essenciais em TIC, tendo como suporte a formação contínua para o desempenho das suas funções. Tendo em conta que a formação (nível 1) já não é considerada prioritária, não sendo, por isso financiada. Assim, esta última oportunidade surge da pró-actividade dos CFAE no processo, com o intuito que ninguém deve ser deixado para trás. Há assim, que incentivar e que motivar estes docentes de forma que iniciem o seu percurso e se sintam seguros nesta navegação.

A introdução das TIC em contexto de ensino e aprendizagem altera o papel e a postura do docente. Face a este cenário, o docente tem de utilizar novas metodologias, o que o coloca perante situações de incerteza e dúvidas em muitos casos, não só por causa do domínio das tecnologias, mas também pelo seu novo papel, que lhe exige abertura e flexibilidade, uma vez que deixa de ter o controlo da situação. Até há algum tempo atrás, o docente estava habituado a

recorrer ao manual, muitas vezes como fonte “única” para os alunos, que dominava até à exaustão e, de repente, é confrontado com novos equipamentos, grande quantidade de informação disponível e novos métodos que, de certa forma, colocam em causa o seu saber, pois, já não há uma única resposta ou via correcta, mas sim, diversas soluções e percursos para resolver cada situação. Assim, perante estas mudanças temos os docentes que aproveitam as oportunidades para se **formarem**, inscrevendo-se na oferta de formação contínua na área das TIC disponível, para a fazerem face aos desafios com os quais se confrontam diariamente.

As TIC podem constituir um meio, entre outros, de expressão (que servem para ler, escrever, dialogar, criar e jogar) e de informação que têm sobre os outros meios alguma vantagem da sua actualidade e da riqueza de possibilidades, facilidade de aperfeiçoamento e de proceder a alterações. No entanto, a tecnologia não é por si só garantia de estarmos a proporcionar um determinado tipo de abordagem – mais centrada no aluno, mais construtivista, apenas porque introduzimos as TIC na sala de aula, é necessário alterar a metodologia, a organização da turma, proporcionar momentos de trabalho colaborativo, acompanhar de perto o processo, sem retirar aos alunos o espaço necessário para desenvolverem as actividades propostas.

Os docentes estão no centro do processo e cabe-lhes o papel de principais agentes de mudança em contexto educativo, assim, sem a sua participação é quase impossível perspectivar mudanças efectivas. Porque o dia de ontem não é igual ao de hoje, o docente não pode renegar que a formação contínua é uma das vias de renovação, embora não seja a única. Assim, a formação contínua, neste contexto, na área das TIC, pode assumir um papel fundamental, contribuindo para que o docente mais inibido, neste domínio, possa desenvolver competências em TIC, de forma suportada. Por isso, muitos docentes

vêm na formação o suporte para se sentirem mais seguros na integração das TIC em sala de aula.

Por fim, há os que se **(trans)formam**, aqueles que são autodidactas, que estão sempre abertos à mudança, que experimentam tudo o que é novo que vai surgindo no domínio das TIC e que provavelmente serão os primeiros a chegar ao nível 3 da certificação.

Um docente com uma visão mais inovadora, encara os desafios com confiança, faz dos problemas oportunidades de (trans)formação e de novas experiências, *quiçá* com integração das ferramentas da *Web 2.0*.

Quando os docentes apostam no seu desenvolvimento profissional, algo muda, algo se **(trans)forma**.